

---

## **Globalização e glocalização. O difícil diálogo entre o global e o local**

*Globalisation and glocalisation. The difficult dialogue between the global and the local.*

**Nelson Lourenço**

---

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/mulemba/203>

DOI: 10.4000/mulemba.203

ISSN: 2520-0305

**Editora**

Edições Pedagogo

**Edição impressa**

Data de publicação: 1 novembro 2014

Paginação: 17-31

ISSN: 2182-6471

**Reférence electrónica**

Nelson Lourenço, «Globalização e glocalização. O difícil diálogo entre o global e o local», *Mulemba* [Online], 4 (8) | 2014, posto online no dia 28 novembro 2016, consultado o 26 janeiro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/mulemba/203> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/mulemba.203>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 26 janeiro 2021.

Tous droits réservés

---

# Globalização e glocalização. O difícil diálogo entre o global e o local

*Globalisation and glocalisation. The difficult dialogue between the global and the local.*

**Nelson Lourenço**

---

## NOTA DO EDITOR

Artigo solicitado ao Autor

Recepção do manuscrito: 12/12/2014

Aceite para publicação: 20/12/2014

## NOTA DO AUTOR

Este artigo foi escrito no âmbito das actividades do programa de investigação que coordeno, sobre Globalização e Modernidade Reflexiva, no Instituto de Direito e Segurança da Universidade Nova de Lisboa (FD-UNL). As matérias aqui abordadas foram integradas nas aulas que ministrei em 2014 em Luanda no seminário *Sociedade global, geopolítica e relações internacionais*, do Curso de Doutoramento em Ciências Sociais e no Seminário *Avaliação de Políticas Públicas*, do Curso de Mestrado em Ciência Política e Administração Pública, ambos da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN). As interessantes discussões havidas com os alunos foram um estímulo à sua publicação, que ocorre aqui graças ao amável convite que me foi dirigido pelo Editor desta revista.

## Introdução

- 1 O vocábulo *glocal* é hoje de uso corrente.
- 2 Embora nem sempre seja fácil datar a origem dos conceitos, é correntemente aceite que a primeira referência ao termo *glocalização* aparece na década de 1980, sendo consagrada no *The Oxford Dictionary of New Words*, referindo-se ao processo de «*telescoping global and local to make a blend*». O conceito foi inicialmente construído a partir do vocábulo japonês *dochakuka* que originalmente se referia à adaptação das novas técnicas agrícolas às condições locais de produção. Rapidamente adoptado e vulgarizado no mundo dos negócios, o seu significado mais comum refere-se a um produto ou serviço concebido e distribuído globalmente mas adaptado aos hábitos e costumes locais.
- 3 A sua frequente utilização deve-se ao sucesso das políticas de *marketing* das grandes empresas multinacionais, particularmente das que se posicionam no mercado global, que adaptam os seus produtos e serviços aos contextos sociais e culturais em que os vendem, fazendo pontes entre o globalismo e o localismo. Mas a sua preocupação centra-se no mercado e no cliente locais: *fashion and customize*, são as palavras-chave.
- 4 Os exemplos são muitos, tantos quanto a vulgarização do termo, aqui registam-se apenas três: a *McDonalds* que não vende *hamburgers* de vaca na Índia; a *Whirlpool Corporation* que adaptou as suas máquinas de lavar roupa aos longos *sisis* usados pelas mulheres na Índia, passando a incorporar um espremedor especial para não estragar os tecidos; os motores de busca no mundo da WWW, como o Google e o Yahoo, têm versões adaptadas e contextualizadas de acordo com grandes áreas de clientes nacionais.
- 5 O objectivo deste artigo não é, no entanto, a análise das práticas de *marketing* no contexto da mundialização da economia, o que constituiria uma visão redutora do real significado dos termos *glocal* e *glocalização*, e da sua capacidade de fazerem salientar aspectos relevantes da problemática *global versus local* (ROBERTSON 1995). É sobre este quadro analítico que se desenvolve este artigo.
- 6 Um último comentário introdutório. As sociedades modernas têm vivido um processo de tão rápidas e intensas mudanças estruturais — que se tem vindo a acentuar, aliás, na última década — cujas consequências são dificilmente apreendidas pelo quadro de conceitos das ciências sociais, essencialmente construídos nos finais do século XIX e ao longo do século XX.
- 7 Os trabalhos de Ulrich Beck têm enfatizado esta necessidade de se construírem novos conceitos — «*out of the existing conceptual arsenal, but in relation of empirical world*» (BECK, SLATER e RITZER 2001: 263) — que facilitem uma acrescida apreensão das transformações que a sociedade moderna enfrenta. Esta é uma realidade que atravessa este artigo. Conceitos como *global*, *regional* e *local*, *cultura* e *identidade*, *modernidade* e *modernização*, exigem uma renovada e atenta leitura.

## Globalização e estruturação social

- 8 A globalização, enquanto processo, na dimensão em que hoje a entendemos,<sup>1</sup> representa algo de novo e com uma capacidade estruturadora da sociedade por vezes

perturbante, simultaneamente desencadeadora de ameaças e proporcionadora de oportunidades à escala mundial, regional e local.

- 9 Embora os mecanismos e as etapas da evolução não sejam uniformes e apresentem traços e singularidades específicas dos vários contextos nacionais, a urbanização, a mundialização da economia e o desenvolvimento científico e tecnológico, as transformações estruturais dos sectores produtivos com a terciarização da economia e a diminuição da população activa na indústria, e particularmente, na agricultura, e o consequente e acentuado êxodo rural, são factores estruturais associados à globalização e à modernidade que emerge, assim, como uma realidade inerentemente globalizante (GIDDENS 1995; SKAPSKA 1997) embora não homogénea, como pertinentemente as ideias de construção de múltiplas modernidades (EISENSTADT 2007), de pluralização de modernidades (BECK, SLATER e RITZER 2001) e variadas modernidades (LIPOVETSKY 2011) explicitam.
- 10 A revolução científica e tecnológica, que acentuou os factores constitutivos da modernidade, impôs um dinamismo e um ritmo de mudança e de abrangência das transformações como nenhuma outra sociedade conheceu, afectando profundamente as práticas sociais e os modos de comportamento preexistentes (GIDDENS 1994: 14).
- 11 O desenvolvimento das tecnologias de comunicação e de informação resultantes da revolução digital, intensificaram os efeitos do processo de globalização mudando a natureza do tempo e do espaço, alterando a noção de distância, cruzando fronteiras e descontextualizando muitas das instituições e das práticas sociais. A globalização da modernidade emerge, assim, como um processo de *compressão do tempo e de aniquilação do espaço*, na definição de David Harvey (1989) a que se associa a internacionalização do capital, o consumismo e a construção de um mercado global. Refira-se que estas mudanças são também componentes essenciais no surgimento de novas ameaças e riscos, como uma nova criminalidade e de novas formas de violência, cujo sentido de localidade se integra na trama social e económica da globalização (LOURENÇO 2013b).
- 12 O recurso à noção de modernidade reflexiva, proposta por Anthony Giddens (1987) na sua teoria da estruturação social, permite integrar a análise da relação global-local no quadro do processo de globalização e de construção da modernidade. Opção justificada pelo papel crucial que a globalização desempenha na constituição da sociedade e dos processos sociais actuais e pela inegável capacidade explicativa do paradigma<sup>2</sup> da globalização das mudanças sociais e culturais, sendo significativa a sua importância no quadro da moderna teoria social (FEATHERSTONE e LASH 1995).
- 13 Nas últimas duas décadas, isto é, na passagem do século XX para o século XXI, as transformações sociais no quadro da modernidade não apenas se aceleraram como alteraram profundamente os quadros de referência: um novo tipo de capitalismo, um novo tipo de trabalho, um novo tipo de quotidiano, um novo tipo de Estado, um novo tipo de estrutura familiar, uma nova cultura.
- 14 Nos seus estudos sobre a globalização e modernidade Anthony Giddens refere-se a um novo período histórico que designa por *modernidade tardia* (GIDDENS 1994); retendo a aceleração das mudanças decorrentes da revolução do digital, Ulrich Beck fala em *segunda modernidade* (BECK e GRANDE 2010). Estes dois teóricos da globalização, referem-se essencialmente à passagem da sociedade industrial para a sociedade da informação, para a constituição de uma sociedade em rede, uma sociedade mais reflexiva e assente numa ordem pós-tradicional. Neste quadro, refiram-se as obras de

Zygmunt Bauman em torno do seu conceito de *modernidade líquida* — isto é, da passagem de uma «*hardware-focused modernity to a “light” and “liquid”, software-based modernity*» (BAUMAN 2000) — que constituem uma interessante, mesmo quando especulativa, leitura da incertitude e volatilidade das relações sociais e institucionais destes tempos.

## Globalização e glocalização

- 15 É na década de 1980 que a globalização entra no discurso científico, assumindo um lugar proeminente para traduzir as mudanças sociais, económicas e culturais que a sociedade enfrentava. À frequente utilização correspondeu/correspondem um conjunto alargado e frequentemente diferenciado de definições salientando diferentes dimensões da realidade societal.
- 16 Perspectivada quer como processo (ROBERTSON 1995) quer como consequência (GIDDENS 1995), a avaliação dos impactes da globalização traduz uma inquietação visível quer no discurso científico quer, principalmente, nos discursos social e político que oscila, como diz Peter Beyer, entre uma «*promessa utópica e uma ameaça distópica*» (BEYER 2011: 98). A esta ambiguidade no uso e referência do termo globalização corresponde a tendência frequente de se cair na armadilha de uma análise binária opondo local e global, ou entre universal e particular (ROBERTSON 1992).
- 17 A leitura dos autores de referência sobre as teorias da globalização nega naturalmente as análises assentes na distinção de exclusão espacial. Pelo contrário, a globalização é considerada como um processo dialéctico entre o global e o local e a sociedade global como o resultado desse processo: «*A globalização diz respeito à intersecção da presença e da ausência, ao entrelaçar de eventos sociais e de relações sociais “à distância” com as contextualidades locais*» (GIDDENS 1994: 19).
- 18 A globalização não significa, assim, o fim do *local*, enquanto realidade social. O que a globalização significa de facto é uma forte e intensa conexão do local e do global, associada a um conjunto profundo de transmutações da vida quotidiana, que afectam as práticas sociais e os modos de comportamento preexistentes.
- 19 Na sua perspectiva culturalista da globalização, Roland Robertson (1995), defende que é um erro pensar que a globalização signifique um processo que destrua ou substitua o local ou a ideia de localidade. Mas há perspectivas diferenciadas e significativas, se não opostas, nestas leituras da relação global-local.
- 20 O que separa a leitura de Robertson da de Giddens assenta no ponto de partida: para este último, a globalização é uma consequência da modernidade enquanto para Robertson a conjunção globalização-modernidade é intrinsecamente um resultado processual e temporal. Assim, para Giddens (1994: 19) a globalização é um «*fenómeno dialéctico*» e a relação global-local, uma produtora de «*ocorrências divergentes ou mesmo contrárias*», um processo de acção-reacção; já Ronald Robertson, na sua revisitada análise da globalização, defende que a globalização «*has involved there construction, in a sense of production, of “home”, “community” and “locality”*».
- 21 Robertson defende que a relação global-local deve ser perspectivada de um modo mais subtil do que a tradicionalmente elaborada e assente na aceitação fácil de uma polaridade conflitual e em que dos polos se subsume no outro, isto é o local no global,

mesmo quando local se refere a grandes unidades sociais como as associadas aos étnico-nacionalismos (ROBERTSON 1995: 26).

- 22 Para Robertson, as teorias da globalização tendem a sobrevalorizar a dimensão temporal relativamente à dimensão espacial. A utilização do paradigma da compressão do espaço-tempo — elemento nuclear da definição de globalização — tem conduzido à generalização da ideia de um imparável processo de homogeneização cultural à escala global.
- 23 Contrariando este quadro, Robertson (1992) sugere o uso do termo glocalização, enquanto processo em que o local e o global se entrosam para constituir o que designa por glocal. Dois aspectos são centrais na sua proposta: a noção de globalização integra a ideia de interpenetração do global e do local, ou, de um modo mais abstracto, do universal e do particularismo; que as noções contemporâneas de localidade são correntemente o produto de ideias globais, embora, como enfatiza, seja errado pensar que todas as formas de localidade sejam substantivamente homogêneas.

## Glocalização: O fim do efeito dominó

- 24 O título deste capítulo deve-se a Zygmund Bauman (2011) e é adaptado de um texto sobre a glocalização e a *compressão do mundo*, isto é, sobre o efeito estruturador da compressão do tempo e do espaço. Bauman destaca com fina clareza que as distâncias geográficas deixaram de ser relevantes, isto é, obstáculos. A sua extensão deixou de ser determinante no cálculo de probabilidades. A vizinhança e a proximidade física já não são determinantes. E é por estas razões, segundo Bauman, que a metáfora do efeito dominó, assente na proximidade e na contiguidade das causas e efeitos, perdeu a sua capacidade demonstrativa.
- 25 Os estímulos, como refere Bauman, *viajam* independentemente das causas que lhe deram origem. Assim e destacando a interdependência e a dialéctica da relação global-local, recorda como as causas podem ter origem local mas a sua inspiração ser global, tal como, as causas podem ter uma origem global mas os seus impactes serem/visarem o local.
- 26 Peter Beyer expressa bem esta relação entre local e global, quando afirma «*the global can not be global except as a plural version of the local*» (BEYER 2011: 98). Para Beyer, a noção de glocalização permite reter a ideia de que o global se expressa e se afirma pelo local enquanto este emerge como uma particularização do local.
- 27 Na sociedade da informação e do digital esta interpenetração entre local e global é naturalmente reforçada pela intensidade de *links* que facilitam a interconexão entre localidades e determinam a sua interdependência. Mas esta relação não facilita apenas uma eventual homogeneização de quadros e programas culturais, como funciona como factor de produção e construção de identidades locais.
- 28 Residirá no modo como é concebida a problemática da relação global-local a principal diferença entre os conceitos de modernização e de globalização. A modernização tem uma natureza exclusiva, considera vários outros, os pré-modernos e os que estão em vias de modernização. A essência do seu universalismo é essencialmente temporal, eventualmente *todos poderão vir a integrar a modernidade ou as modernidades construídas*.
- 29 Pelo contrário, a globalização tem uma natureza inclusiva, os seus efeitos e consequências são globais. A globalização é um conceito essencialmente espacial: «*The*

*global in globalization refers both to a geographic limit, the earth as a physical place, and to an encompassing range of influence, namely that all contemporary social reality is supposedly conditioned or even determined by it» (BEYER 2011: 98).*

- 30 É esta realidade que os conceitos de glocalização e glocal pretendem exprimir. Ao chamarem a atenção para a complexidade da relação local-global, estes dois conceitos constituem preciosos auxiliares da análise dos processos de mudança social mas devem ser considerados como indissociáveis do conceito de globalização.

## Glocal: Como definir local e global?

- 31 No início deste artigo referiu-se o facto de muitos dos conceitos das Ciências Sociais em uso exprimirem com dificuldade, senão com imprecisão, a realidade social actual (BECK, SLATER e RITZER 2001). Assim, o que se entende por local o vocábulo que ao longo destas páginas foi tão frequentemente referido? Tal como ele é utilizado estratégica e operacionalmente pelas grandes multinacionais, local, refere-se a grandes áreas geográficas, que podem ultrapassar as fronteiras nacionais ou referirem-se a países-continentes como o caso da Índia e da China, numa homogeneização cultural baseada numa ideia construída, frequentemente ideologizada, de local. A McDonalds não serve hamburgers de vaca na Índia, mas uma parte substantiva da sua população é muçulmana cujo tabu alimentar é a carne de porco e não a de vaca, esquecendo os milhões de cristãos do país que não têm este tipo de restrições.
- 32 A noção de região sofre da mesma imprecisão, sendo os seus limites definidos casuisticamente pelo utilizador. O uso da noção de global sofre de idênticas ambiguidades, frequentemente refere-se não a uma realidade global, isto é, à globalidade, mas apenas a uma difusão mundial. É o que se passa com muita da produção cultural ou de entretenimento, cuja aceitação é frequentemente condicionada pelas preferências locais e cujo sucesso poderá ser internacional mas não global.
- 33 Estas ambiguidades no uso de conceitos como local, regional e global não decorrem apenas da sua utilização operacional pelos agentes económicos, sendo correntes mesmo no contexto da produção científica. Ronald Robertson, por exemplo, usa o conceito de local para referir localidades concretas quer para definir realidades sociais mais vastas: «*a locality has to be a standardised “form” of the local (whe the rit be a neighbourhood, a city, a country, or even a world region)*» (ROBERTSON 1994: 30).
- 34 Diga-se, no entanto, que para Robertson, a noção de local e de localidade se refere quer a realidades socialmente construídas — como a construção de uma identidade ou sentimento de pertença a uma determinada comunidade — quer a realidades concretas, isto é, reificadas. Claro que esta excessiva elasticidade da escala de observação acarreta óbvias dificuldades, nomeadamente na imprecisão introduzida no quadro da investigação de pendor mais empírico. Acrescente-se que a redução de localidade a uma *ideia* ou *sentimento* contribui, ainda, para a diminuição de importância da noção de localidade como realidade concreta.

## A globalização do local e a localização do global

- 35 A teoria dos sistemas sociais desde sempre destacou a dificuldade, senão impossibilidade, de um corte significativamente distintivo entre realidades sociais

parcelares e as realidades sociais mais amplas em que se integram. Não são, assim, surpreendentes os impasses na distinção entre o local e o global. Num mundo crescentemente interconectado, as dificuldades na definição de *local*, frequentemente pensado como um dado adquirido, e do global, continuada e recorrentemente apresentado como um processo homogeneizador que implacavelmente asfixia a natureza singular e individual do local, são consequências expectáveis da globalização.

- 36 A proposta metodológica de Robertson constitui, por isso, um contributo essencial para a ultrapassagem desta *quadratura do círculo* em que muitos autores parecem ter mergulhado, num esforço ora de distinção ora de apagamento da ideia de local. Robertson, em vários dos seus trabalhos, propõe o *ofuscar das fronteiras* entre o local e o global e, conseqüentemente, o abandono das concepções teóricas assentes na ideia de acção-reacção.
- 37 Chamando a atenção para a necessidade de se deixar de considerar e analisar a globalização numa perspectiva exclusivamente, ou quase exclusivamente, macroscópica propõe que a leitura do processo de globalização envolva também os níveis mais elementares da acção social, ou seja, como designa, *the real people*, no seu quotidiano, interacções e mobilidade e, simultaneamente, as redes de comunidades (ROBERTSON e WHITE 2003).
- 38 Um aspecto central do pensamento de Robertson assenta na ideia de que a noção e significado de local e de localidade é o resultado de um processo de construção social. Robertson (1995: 35) salienta a *invenção* da ideia de localidade, assente numa ideologia do tradicional e construtora do sentimento de identidade,<sup>3</sup> como factor fundamental na relação dialéctica estabelecida entre o global e o local.
- 39 É por esta razão que defende que a rede de interconexão estabelecida entre localidades deve ser parte constituinte da própria noção de globalização, conceptualizada como processo integrador da relação global-local, expressa enfaticamente na frase: *The local has been globalized; just as the global has been localized* (ROBERTSON 2003).

## Conclusão

- 40 A contribuição de Ronald Robertson para uma melhor compreensão das consequências e das dinâmicas da globalização é significativa e constitui, nas suas próprias palavras, uma leitura mais subtil da articulação entre o global e o local.
- 41 Concebendo a globalização como um processo e definindo-a como «*the compression of the world and the intensification of consciousness of the world as a whole*» (ROBERTSON 1992: 8), Robertson considera como ilógicos os quadros teóricos assentes na ideia de uma tensão constante entre o local e o global, defendendo, pelo contrário, o esbater das *fronteiras* e propondo uma visão integradora assente nos conceitos de glocalização e de glocal, pensados como instrumentos analíticos supletivos do conceito de globalização.
- 42 O quadro teórico e conceptual que propõe constitui um precioso auxiliar para a análise dos processos de homogeneização e heterogeneização cultural. Robertson recusa a ideia de que o processo de globalização seja, como frequentemente é apresentado, um processo de homogeneização cultural ou mesmo um processo de dominação crescente da cultura de uma sociedade ou de uma região sobre as restantes.
- 43 O exemplo mais impressionante que apresenta é o da necessidade recorrente das grandes multinacionais em adaptarem os seus produtos às condições e tradições locais.



- 44 Os trabalhos de Ronald Robertson constituem um indiscutível refinamento na análise da globalização. No entanto, grande parte da sua obra foi construída na primeira década dos anos 1990 e a modernidade, a segunda modernidade como refere Ulrich Beck, sofreu, nestes últimos vinte anos, profundas transformações e particularmente um intensificar do ritmo de mudança por força da revolução do digital.
- 45 Qual será o espaço do local e das identidades locais neste novo mundo? Giddens (1994 e 1995) e Beck (1994) já abundantemente escreveram sobre a construção e desconstrução da *tradição*, no contexto da segunda modernidade ou modernidade reflexiva. Giddens, com o seu conceito de *destraditionalização*, refere não uma sociedade moderna sem tradições mas uma sociedade em que, por força da reflexividade, as tradições são constantemente sujeitas a questionamento, deixam de ser consideradas como algo garantido e passam a ser rotineiramente expostas a um debate público.
- 46 Em *O Ocidente mundializado*, Gilles Lipovetsky (2011: 15) traça um quadro expressivo da época em que vivemos, marcado por uma «forte e irresistível corrente de unificação do mundo». A força motriz desta corrente unificadora é a cultura, isto é, a cultura-mundo<sup>4</sup> como a designa, conceito que remete «para a revolução das tecnologias de informação e da comunicação, para a constituição de vastas redes mediáticas transnacionais, para o aumento das indústrias culturais que derramam um lote cada vez maior dos mesmos bens num mercado globalizado».
- 47 Quem irá socialmente construir as identidades locais no futuro?

---

## BIBLIOGRAFIA

ANDERSON Benedict, 1991 (edição revista), *Imagined communities. Reflections on the origin and spread of Nationalism*. Londres, Verso.

BAUMAN Zygmunt, 2000, *Liquid Modernity*. Cambridge, Polity Press.

BAUMAN Zygmunt, 2011, «On glocalisation coming age», *Social Europe Journal*. [<http://www.socialeurope.eu/2011/08/on-glocalization-coming-of-age/>]

BECK Ulrich, 1994, «The reinvention of politics: Towards a theory of reflexive modernization», in Ulrich Beck, Anthony Giddens e Scott Lash (eds.), *Reflexive modernization*. Cambridge, Polity Press, pp. 1-55.

BECK Ulrich e GRANDE Edgar, 2010, «Varieties of second modernity: the cosmopolitan turn in social and political theory and research», *The British Journal of Sociology*, vol. 61, n.º 3, pp. 409-443.

BECK Ulrich e SZNAIDER Nathan, 2006, «Unpacking cosmopolitanism for the Social Sciences: a research agenda», *The British Journal of Sociology*, vol. 57, n.º 1, pp. 1-23.

BECK Ulrich; SLATER Don e RITZER George, 2001, «Interview with Ulrich Beck», *Journal of Consumer Culture*, vol. 1, n.º 2, pp. 261-277.

BEYER Peter, 2011, «Globalization and glocalization», in James A. Beckford & Jay Demerath, *The Sage Handbook of Religions*. Londres, SAGE, pp. 98-117.

- BOUDON Raymond, 1985, *La place du désordre. Critique des théories du changement social*. Paris, Presses Universitaires de France.
- CASTELLS Manuel, 1996, *The rise of the network society*. Oxford, Blackwell.
- EISENSTADT Shmuel N., 2007, *Múltiplas modernidades: Ensaios*. Lisboa, Livros Horizonte.
- FEATHERSTONE Mike e LASH Scott, 1995, «Globalization, modernity and spatialization of social theory: An introduction», in Mike Featherstone, Scott Lash e Roland Robertson (eds.), *Global modernities*. Londres, Sage Publications, pp. 1-24.
- GELLNER Ernest, 1983, *Nations and Nationalism*. Oxford, Blackwell.
- GIDDENS Anthony, 1987, *La constitution de la société*. Paris, Presses Universitaires de France.
- GIDDENS Anthony, 1994, *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras, Celta Editora.
- GIDDENS Anthony, 1995, *As consequências da modernidade*. Oeiras, Celta Editora.
- HARVEY David, 1989, *The condition of post modernity. An enquiry into the origin of cultural change*. Oxford, Blackwell.
- HOBBSBAWM Eric, 1990, *Nations and nationalism since 1780*. Cambridge, Cambridge University Press.
- KNOWLES Elizabeth e ELLIOTT Julia (eds.), 1991, *The Oxford Dictionary of new words paperback*. Oxford, Oxford University Press.
- LIPOVETSKY Gilles, 2011, «O reino da hipercultura. Cosmopolitismo e civilização ocidental», in Gilles Lipovetsky e Hervé Juvin (eds.), *O Ocidente mundializado. Controvérsia sobre a cultura planetária*. Lisboa, Edições 70.
- LIPOVETSKY Gilles & SERROY Jean, 2008, *La culture-monde. Réponse à une société désorientée*, Paris, Odile Jacob.
- LOURENÇO Nelson, 2013a, «Globalização, metropolização e insegurança: América Latina e África», *Revista Direito e Segurança* (Lisboa), vol. 1, n.º 1, pp. 87-116
- LOURENÇO Nelson, 2013b, «Modernidade, globalização e nacionalismos», *Mulemba - Revista Angolana de Ciências Sociais* (Luanda), vol. III, n.º 6, Novembro, pp. 283-301.
- ROBERTSON Roland, 1992, *Globalisation. Social theory and global culture*. Londres, Sage.
- ROBERTSON Roland, 1994, «Globalisation or Glocalisation?», *Journal of International Communication*, vol. 1, n.º 1, pp. 33-52.
- ROBERTSON Roland, 1995, «Glocalization: Time-space and homogeneity-heterogeneity», in Mike Featherstone, Scott Lash e Roland Robertson (eds.), *Global modernities*. Londres, Sage Publications, pp. 25-44.
- ROBERTSON Roland, 2003, «The conceptual promise of glocalization: Commonality and diversity», *ART e FACT*, Janeiro, n.º 4.
- ROBERTSON Roland e WHITE Kathleen E., 2003, «Globalisation: an overview», in Roland Robertson e Kathleen E. White (eds.), *Globalisation: Critical concepts in Sociology*. Londres, Routledge.
- SKAPSKA Grazina, 1997, «No hope? An essay on globalisation theories and the legal institution building processes», *Droit et Société*, n.º 35, pp. 47-60 [«Postcommunist Europe»].

## NOTAS

1. Anthony Giddens (1995: 52) define a globalização «*como a intensificação das relações sociais à escala mundial, relações que ligam localidades distantes de tal maneira que as ocorrências locais são moldadas por acontecimentos que se dão a muitos quilómetros de distância*».
  2. Como propõe Raymond Boudon (1985: 25): «*a noção de paradigma refere-se a um conjunto de orientações teóricas coerentes que servem de referência a um programa de investigação*».
  3. Ernest Gellner (1983) e Eric Hobsbawm (1990) referem as nações como uma «*invenção social*»; Benedict Anderson (1991) perspectiva-as como realidades «*imaginadas*»; sobre este assunto vide Nelson Lourenço (2013a).
  4. O conceito de cultura-mundo é apresentado em Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2008).
- 

## RESUMOS

A globalização não significa o fim do local, enquanto realidade social. Pelo contrário, a análise da modernidade deve ter presente e destacar a natureza dialéctica da globalização, enquanto processo assente na interacção do global e do local. A perspectiva culturalista da globalização mostra como é um erro pensar que a globalização significa um processo destruidor da ideia de local ou de localidade. O conceito de globalização convoca a ideia de uma forte e intensa conexão do local e do global, associada às profundas transmutações da vida quotidiana, que afectam as práticas sociais e os modos de comportamento preexistentes. Os conceitos de *glocal* e de *glocalização* pretendem transmitir a necessidade de uma leitura atenta da complexidade da relação local-global, na qual a mundialização da economia e a revolução do digital desempenham um papel determinante.

Partindo do paradigma da globalização, assume-se neste artigo, que os conceitos de *glocal* e de *glocalização* constituem um quadro teórico-conceptual útil para a compreensão do funcionamento actual da economia e das dinâmicas do desenvolvimento a nível regional e local.

Globalisation does not mean the end of the Local as a social reality. Instead, the analysis of modernity must consider and highlight the dialectical nature of globalisation as a process based on the interaction of global and local. The culturalist perspective of Globalisations hows how wrong it isto think that globalisation means a destructive process of the idea of local or location. The concept of globalisation addresses the idea of a strong and intense local and global connection, associated with deep transmutations of everyday life that affect social practices and existing behaviour patterns. The concepts of *glocal* and *glocalisation* intended to convey the need for a careful reading of the complexity of local-global relationship in which economic globalisation and the digital revolution play a decisive role.

Departing from globalisation paradigm it is assumed, in this paper, that the concepts of *glocal* and *glocalisation* constitute a theoretical and conceptual framework useful for understanding the current functioning of the economy and the dynamics of development at regional and local level.

## ÍNDICE

**Keywords:** globalisation, glocalisation, modernity

**Palavras-chave:** globalização, glocalização, modernidade

## AUTOR

### NELSON LOURENÇO

nelson.lourenco@fcs.unl.pt

Professor catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa e Presidente do grupo de reflexão estratégica sobre segurança interna do Instituto de Defesa e Segurança (FD-UNL).

Doutor em Sociologia pela Universidade Nova de Lisboa (UNL), com agregação em Sociologia do Desenvolvimento e da Mudança Social pela mesma universidade, foi Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH-UNL); actualmente é Professor Catedrático Convidado da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa. É Presidente do Grupo de Reflexão Estratégica sobre Segurança Interna (GRESI) e da direcção do Instituto de Direito e Segurança (FD-UNL). Publicou, entre outros, os materiais seguintes: «Globalização, metropolização e insegurança: América Latina e África», *Revista de Direito e Segurança (Lisboa)*, vol. 1, n.º 1, 2013, pp. 87-116; «Modernidade, globalização e nacionalismos», *Mulemba – Revista Angolana de Ciências Sociais (Luanda)*, vol. III, n.º 6, Novembro de 2013, pp. 283-301; «Mudança global e geopolítica dos recursos naturais», *Mulemba – Revista Angolana de Ciências Sociais (Luanda)*, vol. III, n.º 5, Maio de 2013, pp. 81-103 (com Carlos Russo Machado); «Violência urbana e sentimento de insegurança», in J. Bacelar Gouveia (coord.), *Estudos de direito e segurança*, volume II. Coimbra, Almedina, 2012, pp. 347-366; «Sentimento de insegurança e Estado de Direito: o espectro axial da relação de liberdade e segurança», *Segurança e Defesa (Lisboa)*, n.º 17, Abril-Junho de 2011, pp. 70-83; «Global changes and geopolitics of natural resources», comunicação apresentada na International conference on Ecohydrology and Climate change. Tomar, Portugal, 15-17 de Setembro de 2011; «Changement climatique et géopolitique des ressources en eau», comunicação apresentada ao encontro regional sobre Adaptation aux changements climatiques au Maghreb: Bilan et perspectives. Casablanca, Marrocos, 16-17 de Março de 2010 (com Carlos Russo Machado); «Equity, human security, and environment: key elements of sustainable development», in J. França Martins, L. Rodrigues, T. M. Fernandes (coords.), *Cooperar para o desenvolvimento*. Oeiras, Instituto Nacional de Administração, 2005, pp. 20-28; L. Noronha, N. Lourenço, J. P. Lobo Ferreira, A. Lleopart, E. Feoli, K. Sawkar, A. Chachadi (eds.), *Coastal tourism, environment and sustainable local development*. New Delhi, TERI — The Energy Research Institute, 2003.